

Jorge Kantor*

O consolo do ego

Em cada número de *Calibán*, **Vórtice** reflete sobre questões de alta vorticidade (fluxo turbulento em espiral) na prática clínica, identificando turbulências da clínica que merecem ser enfocadas pelos psicanalistas.

Em **Vórtice** tratamos de assuntos que costumamos ignorar ou tomar como certos; desatendidos cenários que, não obstante, pesam grandemente em nosso trabalho cotidiano no consultório.

Nesta ocasião, nos perguntamos sobre a importância do senso de humor nos tratamentos psicanalíticos. A pergunta que nos fazemos é se, durante as sessões, os psicanalistas observamos a ocorrência deste “dom raro e precioso”¹ (Freud, 1927/1988, p. 162) do humor nas associações livres das pessoas em análise.

Da mesma forma, nos perguntamos se os psicanalistas costumam lançar mão do senso de humor como parte do repertório de sua prática. Diríamos todos que o senso de humor é uma ferramenta, um instrumento, um artefato clínico?

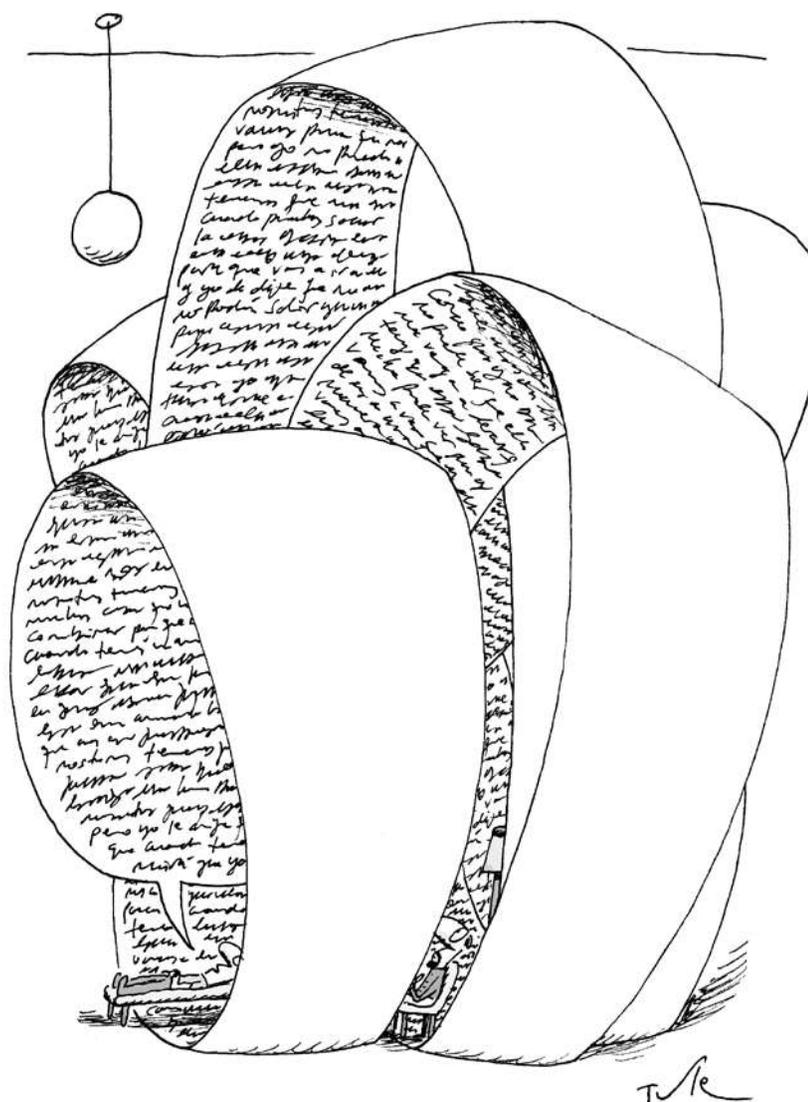
Em seu excelente artigo “Humor y psicoanálisis: Un asunto serio”, Diana Szabó (s.f) cita Mark Twain: “O problema com o humor é que

ninguém o leva a sério” (par. 1). Não tenho dúvida nenhuma de que aos psicanalistas nos faria bem levar muito mais a sério o peso do humor na prática clínica.

De fato, Freud considerava o humor como a mais elevada operação defensiva frente ao sofrimento. Um sentimento grandioso e rebelde. O humor é grandioso porque, por um instante, ocorre o triunfo fugaz do narcisismo voltado a um Ego vitorioso frente às afrontas da realidade, graças a que o superego trata com “bondosas palavras de conforto ao ego intimidado”² (Freud, 1927/1988, p. 162), concedendo ao aparelho psíquico um sentimento “especialmente liberador e enobrecedor” (p. 161)

O superego é capaz de oferecer ao Ego uma pequena alegria ao consentir o aspecto cômico de uma situação que, vista sem humor, seria apenas vão sofrimento. No entanto, graças à reviravolta que esta dimensão aporta, nós o sentimos como particularmente libertador e exaltante.

Freud também nos diz que “se é realmente o superego que, no humor, fala essas bondosas palavras de conforto ao ego intimidado, isso nos ensinará que ainda temos muito a aprender sobre a natureza do superego.” (p. 162).



Consequentemente, a nove colegas latino-americanos propusemos a questão, e eles aceitaram o desafio.

Fernando Orduz parte, em “Di-versas di-versões sobre o humor e o riso”, da qualidade subversiva que o humor representa, mostrando-nos a forma pela qual o riso e o cômico foram excluídos da filosofia clássica e da religião que nos tutela. Para Orduz, o humor no tratamento analítico poderia ser indício de uma

mudança de sentido, de uma transformação do conteúdo inconsciente.

Agustina Fernández desenvolve em “Humor na análise” a ideia de que o humor é um recurso criativo e, em certas ocasiões, defensivo. Não é acessível a todas as pessoas, mas uma boa análise poderia chegar ao emprego do humor para enfrentar as penúrias da vida. Fernández ilustra a irrupção do humor nas associações de uma engenheira e de um derma-

* Sociedad Peruana de Psicoanálisis.

1. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação corresponde à página 103 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 21, pp. 99 - 103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927.). Versão eletrônica recuperada em <https://cutt.ly/9pti1Tu>

2. N. do T.: Tradução de J. Salomão. A tradução desta citação e das seguintes corresponde à página 102 de: Freud, S. (1996). O humor. Em J. Salomão (trad.), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 21, pp. 99 - 103). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927.). Versão eletrônica recuperada em <https://cutt.ly/9pti1Tu>

Fernando Orduz*

Di-versas diversões sobre o humor e o riso

*Perdoem-me por não me levantar.
Epitáfio sugerido por Groucho Marx*

Algo há no humor, no chiste, no riso, que ronda a ideia da subversão. Subverter tem a conotação de reavaliar as normas que dão razão de ser a uma ordem institucional. Isso pode ser entendido sob a ideia de romper esquemas, criticar o *status quo* do estabelecimento, repropor paradigmas. Mas também poderia se pensar em outra forma de enunciado: *sub-versão* (dando ênfase na separação do prefixo *sub* e da raiz *versão*), o que dá um matiz diferente, conotando uma significação de menor grau: uma versão *sub* se refere, por exemplo, a um subcampeão, a subdesenvolvimento, palavras nas quais o prefixo *sub* denota um menor valor.

Na Grécia clássica, Platão não foi muito amante do riso. Ainda que reconheça no riso um prazer, ao mesmo tempo afirma que o riso é obsceno, transgressor da harmonia, da integridade e da consciência social. Por isso, tange somente aos loucos, bufões, vis e escravos.

Aristóteles, ao contrário, parecia fazer um reconhecimento dele no segundo tomo da *Poética*, livro do qual a história ficou nos devendo sua existência e que serve de acontecimento para a novela *O nome da Rosa*, de Humberto Eco (1980/1984), cuja trama se enraíza na história de Jorge de Burgos, um monge cego do século XVI, que esconde o segundo

tomo da *Poética*, no qual o Estagirita faz um reconhecimento à comédia como fonte de conhecimento. Esta obra é considerada perigosa por Jorge de Burgos precisamente porque colocaria o riso como um elemento de igual valor para a vida como seria a dimensão trágica, validada no primeiro tomo da *Poética*.

O trágico tomou em nossa milenária história ocidental uma espécie de dimensão sublime da experiência humana, em detrimento da comédia, que pareceria ter uma conotação mais mundana ou de menor valia.

Por outro lado da origem de nossa história, a cultura judaico-cristã tem uma narrativa trágica, e os relatos do Antigo Testamento dão conta do drama de sua existência: do vil assassinato fratricida até a idolatria do sofrimento de um homem na cruz. A Igreja condenou o riso desde o século IV, proibiu-o no templo e propôs que Cristo nunca teria rido.

Na novela de Eco (1980/1984), o monge cego qualifica de forma demoníaca o riso:

O riso é a fraqueza, a corrupção, a sensaboria da nossa carne [...]. Mas aqui, aqui... - agora Jorge batia com o dedo na mesa - aqui inverte-se a função do riso, eleva-se a uma arte, abrem-se-lhe as portas do mundo dos doutos [...] este livro poderia ensinar que libertar-se do medo do diabo é sapiência. [...] O riso desvia, por alguns instantes, o vilão do medo. Mas a lei impõe-se através do medo, cujo nome verdadeiro é temor de Deus. E deste livro poderia partir a centelha luciferina que transmitiria ao mundo inteiro um novo incêndio: e o riso

tologista, duas pessoas em análise, mostrando uma mudança de posição subjetiva frente ao padecimento, um tipo de realocação em relação ao que acreditam que sabem e ao que acreditam que acreditam.

Teresita Ana Milán propõe em “O sentido comum do bom humor” o humor na análise como indicador de acontecimento significativo. Para isso, Milán apresenta várias vinhetas clínicas e percebe que ao buscar exemplos de situações clínicas nas quais utilizou o humor, apareciam com frequência situações clínicas com conteúdo sexual, o que a leva a se perguntar: será que a sexualidade ainda continua sendo algo espinhoso para se tratar “a sério”?

Eva Tucherman aproxima em “*Setting* bem-humorado” a perspectiva freudiana da psicanálise e o humor costurados com um fio inquebrantável. Tucherman ilustra com uma vineta clínica o uso do humor para desarmar as defesas e assim gerar encontros bem-humorados que equivalem à transformação obtida pelo *rêverie* proposto por Bion.

Antonio Velásquez Convers parte, em “O humor na análise e a análise do humor”, das primeiras ideias econômicas de Freud sobre a economia de energia psíquica do humor. Velásquez destaca a perspectiva comunicativa do humor, uma comunicação que, no interior do vínculo analítico e com um bom manejo do *timing*, converte-se em uma forte ferramenta analítica.

María del Carmen Ramos sustenta em “O humor no divã” que a interpretação com humor permite tolerar melhor os afetos desprazerosos, sem negá-los, convertendo um momento de tensão e desencontro em uma possibilidade de vínculo e *insight*. Ramos exemplifica o uso do senso de humor direcionando-o para ela mesma, produzindo um efeito imediato nas pessoas em análise ao possibilitar uma transformação das emoções negativas que estavam envolvendo a relação naquele momento.

Carlos Brück nos diz em “Saber fazer/fazer saber” que o humor é um recurso precioso

para identificar e para confinar a angústia que emerge das profundezas do aparelho psíquico. Brück destaca que o humor não tem nenhuma relação com a frivolidade ou a falta de consideração pelos afetos da pessoa em análise; muito pelo contrário, denota um entendimento sutil da necessidade de aliviar, em lugar de solenizar, as palavras do analisante.

Daniel Rodríguez nos mostra em “O humor e seu lugar na cultura atual” as conexões do humor em diferentes âmbitos comunitários. Rodríguez situa uma mudança de perspectiva que modifica nos seres humanos uma versão prévia dos fatos na relação do humor com o pensamento crítico. A resiliência e a arte são também âmbitos nos quais explora a ocorrência do humor, acompanhando ou precedendo processos de mudança.

Andrés Rascovsky descreve em “Sobre o humor” os múltiplos efeitos da capacidade humana para gerar o humor. Rascovsky recomenda aos psicanalistas (“arqueólogos do trauma, especialistas no sofrer oculto e continentes de projeções potencialmente tóxicas”) que se aventurem nas terras da alegria e da visão jocosa, exercendo assim uma perspectiva que nos restitua o atrevimento necessário para enfrentar o exercício clínico diário.

Referências

Freud, S. (1988). *El humor*. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21, pp. 153-162). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927).

Szabó, D. (s. f.). *Humor y psicoanálisis: Un asunto serio*. Disponível em: <https://www.apuruguay.org/sites/default/files/el-humor-szabo.pdf>

* Sociedad Colombiana de Psicoanálisis.